



Tecnologias Sociais no assentamento José Lutzenberger *Social Technologies at José Lutzenberger Settlement*

SILVA, Carlos Augusto Meier¹; GERBER, Thiago Daufembach²; OLIVEIRA, Fernanda Eisenbach de³; MORAES, Murillo Henrique Ferreira de França de⁴; SACZUK, Guilherme⁵; AZEVEDO, Lucas Marcelino de⁶; LOPES, Paulo Rogério⁷
¹ UFPR, augustocarlos@ufpr.br; ² thiago.gerber@hotmail.com; ³ UFPR, ferbach@ufpr.br; ⁴ UFPR, murillohenrique1@hotmail.com; ⁵ UFPR, guilhermesaczuk@ufpr.br; ⁶ UFPR, lucasmarcelino@ufpr.br; ⁷ UFPR, agroecologialedes@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: No dia 21 de junho de 2023, estudantes da Interação Cultural e Humanística (ICH) de Transição Agroecológica, em conjunto com estudantes de Agroecologia – módulo de Princípios de Agroecologia e Complexidade, e do Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Setor Litoral, *Campus* Matinhos, visitaram o assentamento José Lutzenberger do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com o intuito de conhecer e sistematizar as experiências com tecnologias sociais e sistemas agroecológicos. A 100 km do *campus* e a 38 km do centro urbano mais próximo, Antonina/PR, os estudantes viajaram por duas horas para visitar o assentamento. Por cerca de duas décadas, nesse assentamento foram recuperados 228 hectares de terra, degradados pela criação de búfalos. Lar de 14 famílias, o assentamento utiliza em sua produção tecnologias ancestrais e adaptadas, visando à sustentabilidade máxima do projeto. Em um evidente processo de transição agroecológica coletiva, as pessoas que lá trabalham fazem uso de tecnologias sociais para garantir a fluidez e a cooperação.

Palavras-Chave: transição agroecológica; função social da propriedade; sustentabilidade.

Contexto

Ao final do primeiro semestre de 2023, mais precisamente no dia 21 de junho, estudantes da ICH de Transição Agroecológica, em conjunto com estudantes de Agroecologia – do módulo de Princípios de Agroecologia e Complexidade, e do Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável – módulo Configurações Produtivas de Bases Coletivas – da UFPR Setor Litoral, *Campus* Matinhos, visitaram o assentamento José Lutzenberger do MST, localizado na comunidade Rio Pequeno, em Antonina/PR. Na intenção de vivenciar a teoria trabalhada ao longo do semestre, estudantes estavam ansiosos para fazer mais visitas ao espaço que é referência em Tecnologias Sociais (TS). O antes acampamento, agora assentamento, teve início em 2004, após os 228 hectares de terra em meio à mata Atlântica terem sido reivindicados por 14 famílias. A terra, até então, estava sendo utilizada para a criação de búfalos, de maneira extensiva e não regenerativa, como pode-se depreender da Figura 1. Isso causou a compactação do solo, lixiviação dos nutrientes e perda da biodiversidade. Essa degradação ocorreu pois o foco era apenas a exploração financeira daquele território, experiência comum no manejo convencional, em oposição à complexidade agroecológica.



Figura 1. “Á[sic] esquerda, a área degradada em 2002, antes da ocupação. Á[sic] direita, registro de 2019 mostra intensa recuperação da mata” (BORGES, 2019 apud BORGES, 2022).

Com o uso de TS, o espaço vem conquistando grandes feitos. TS são produtos, métodos, processos ou técnicas simples e de baixo custo que são entendidas “como o resultado da ação de um ator social sobre um processo de trabalho que ele controla e mediante a qual pode obter algum benefício” (DAGNINO, 2014). Solucionar problemas sociais com TS é da maior importância para os assentados, tendo-se em vista a natureza popular do assentamento José Lutzenberger.

Mediante um acordo comum de que os assentados teriam foco na construção de espaços coletivos, pautados no uso de tecnologias sociais ecológicas, eles obtiveram resultados práticos muito positivos. Exemplos disso são a recuperação da biodiversidade nativa, recomposição florística nas áreas de preservação permanente (APP), recuperação da mata ciliar do rio, utilizando a agrofloresta como principal ferramenta e TS. Os assentados utilizam uma série de outras tecnologias, destacando-se as que serão a seguir elencadas e explicadas.

Consórcio de plantas: a diversidade de cultivos é vital para a resiliência da comunidade, com ela a pessoa que trabalha a terra não fica dependente de apenas um único produto. O assentamento atualmente produz uma variedade de alimentos: banana, palmito pupunha, mandioca, abóbora, abacaxi, dentre outros.

Diversidade de estratificação: apropriando-se de espécies com diferentes alturas, a pessoa que trabalha a terra consegue otimizar sua produção com o melhor aproveitamento da luz solar, adequada a cada espécie, aumentando a riqueza energética.

Reconciliação com os sistemas hídricos: o proprietário anterior daquele território, que o utilizava para a criação de búfalos, canalizou o rio. Isso fez com que o rio perdesse suas curvas naturais, o que por sua vez aumentou a degradação por meio da lixiviação de nutrientes e causou o assoreamento do leito do rio. Os assentados reestabeleceram a forma natural do rio e fizeram a recomposição da mata ciliar com sistemas agroflorestais.



Cobertura do solo: a adubação externa é mínima, sendo utilizada apenas no início da implementação do sistema. A cobertura do solo, por sua vez, é essencial para a nutrição do sistema. Algumas plantas, visando à adubação verde, são cultivadas com o objetivo de retornarem ao solo, para ciclagem dos nutrientes essenciais à produção de alimentos, tais como as leguminosas arbóreas (*Inga sp*).

Descrição da Experiência

O assentamento oferece uma experiência concreta de transição agroecológica, uso e criação coletiva de TS. A chegada no assentamento foi destacada por uma farta mesa de partilha, um café camponês-caiçara esperava os estudantes. Após o quente café, em uma ensolarada manhã de inverno, organizados em uma roda de conversa, uma roda de apresentação foi feita. As pessoas assentadas e agrofloresteiras – Dona Lurdes, Vera, Sara e Ricardo – apresentaram-se e logo apontaram a necessidade e a importância da coletividade. Sempre à disposição para apoiarem-se mutuamente, as pessoas que trabalham a terra valorizam o fator de evolução em uma transição agroecológica. Muitas conquistas foram possíveis em razão de as famílias pensarem coletivamente, como a aquisição de um automóvel utilitário e a construção de uma cozinha agroindustrial, por exemplo. Reuniões quinzenais garantem o bom funcionamento das dinâmicas da comunidade. Em análise conjunta da conjuntura, pautas relevantes são discutidas, demandas coletivas são compartilhadas e planejamento de ações é realizado, via Diagnóstico e Planejamento Participativo.

Com a comida já esfriando, estudantes encaminharam-se ao almoço; momento em que tiveram tempo para fazer perguntas mais específicas a cada uma das mediadoras e mediadores. A terra já foi reivindicada, há quase 20 anos, mas somente agora as famílias, que lá estão, têm a possibilidade de poder trabalhar e viver da terra, de forma justa e honesta. Tudo isso graças ao MST, aponta Ricardo, enquanto explica que a importância do movimento foi chave para a comunidade.

Ainda na roda de conversa, Sara e Ricardo apontaram que ainda há muito trabalho a ser feito, agora que o território já está assegurado, a saber: a) ampliação da agroindústria (produção de compotas, conservas, polpas e geleias) – nesse projeto, graças à conexão da universidade com o assentamento, uma cozinha industrial será construída no espaço, com potencial de atribuição de valor agregado aos produtos lá beneficiados; b) voltar a fazer a feira, que outrora era realizada nos centros urbanos do litoral paranaense e conquistou uma clientela que anseia por sua volta; c) criação de grupos de mensagens por aplicativo, divididos por município, para comercialização direta dos produtos do assentamento.

Tais esforços serão realizados, de forma coletiva, pelas famílias do assentamento. Trabalhar no coletivo é bom, diz Ricardo, ao ressaltar a importância do trabalho conjunto. Muito gratificante, completa Dona Lurdes, emocionada, referindo-se aos encontros que teve com pessoas que moram na cidade, as quais teciam elogios e ansiavam por seus produtos locais e livres de agrotóxicos. Esse é o resultado de



peças cooperando, vivendo de forma harmoniosa com o meio e em sinergia com a natureza.

Especialmente em época de colheita, mas também quando da aquisição de maquinário, a interação e cooperação comunitárias mostram-se como solução. Exemplo disso foi a aquisição de uma Kombi, ação coletiva proveniente de uma necessidade sentida por todas as pessoas: o escoamento da principal fonte de renda do assentamento, a produção de comida para escolas da região. “Cerca de 90% da produção da cooperativa local serve de alimentação às crianças das escolas estaduais de quatro municípios da região” (BORGES, 2022). Cada família, individualmente considerada, não disporia de meios para a aquisição de tal bem.

Sara salientou a importância do vínculo estabelecido com a UFPR Litoral, que traz novas frentes de pesquisa, as quais auxiliam o processo de transformação do assentamento e vice-versa. Claro, uma vez que estudantes também são agraciados e transformados por experienciar a Agroecologia em uma vivência além da academia. As TS são ferramentas muito relevantes na articulação de ambas as partes. “As práticas de comunicação interconectam os processos que movem a nossa vida em sociedade. Portanto são utilizadas tanto para apresentar propostas de emancipação da classe popular, quanto para perpetuar a concepção de mundo daqueles que detém o poder econômico e político” (ABA, 2017). O fortalecimento do vínculo já existente é o escopo de estudantes da UFPR Litoral nesse modelo de visita.

No espaço da Dona Vera, foi possível analisar a expressão das TS. Em meio à caminhada transversal, um rio foi atravessado pelas pessoas envolvidas, por meio de um cabo de aço suspenso, o qual interliga o assentamento com o espaço de cultivo coletivo de Dona Vera e de seu marido. Esse local ainda não é autossuficiente quanto à adubação, sendo necessários alguns sacos de 40 kg de adubo orgânico para o manejo daquela terra, segundo afirmação da própria Dona Vera. Ricardo, por sua vez, aduziu que um sistema agroecológico produtivo, ainda que em transição, quando voltado precipuamente ao fornecimento de merenda escolar, oferece uma renda que varia entre 3 e 4 mil reais mensais, por família.

Resultados

A visita propiciou que estudantes experienciassem a realidade de um assentamento do MST, o qual produz coletivamente alimentos de forma agroecológica, visando à soberania alimentar própria e do entorno. Esse foi um lócus formidável para a percepção e materialização da complexidade dos princípios agroecológicos e tecnologias sociais utilizadas. Mais ainda, inspirou estudantes, que decidiram propagar os conhecimentos amealhados, por meio desta semente acadêmica – o presente relato.



Referências bibliográficas

ABA AGROECOLOGIA. **Caderno de metodologias:** inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico. André Biazoti, Natália Almeida, Patrícia Tavares (organização) Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017. 84 p. Disponível em: <https://aba-agroecologia.org.br/caderno-de-metodologia>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BORGES, Lizely. **Na área em [que] fez renascer a Mata Atlântica, Comunidade José Lutzenberger (PR) conquista o direito à terra.** 2022. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/09/01/na-area-em-fez-renascer-a-mata-atlantica-comunidade-jose-lutzenberger-pr-conquista-o-direito-a-terra/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

DAGNINO, Renato. **Tecnologia Social:** contribuições conceituais e metodológicas. Campina Grande/PB; EDUEPB; Florianópolis/SC: Insular, 2014. 319 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/7hbdt/pdf/dagnino-9788578793272.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.